

Veículo: Monitor Mercantil Digital
Data: 08/09/09



Necessidade de caixa eleva a oferta de ações

A necessidade de formação de caixa e de realização de novos investimentos podem ser apontados pela fato de as ofertas primárias e secundárias de ações já somarem R\$ 20,529 bilhões ao longo do ano, segundo levantamento da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), tendência mais notada no setor de construção civil, responsável pelas maiores altas do mercado acionário.

O destaque, no entanto, ficou por conta da VisaNet, que captou R\$ 8,4 bilhões. Caso todas as ofertas sejam realizadas (já existem 11 registradas, sendo quatro primárias e sete secundárias), o número neste ano superará o de 2008, de 14 empresas.

O que chama atenção é o fato do patamar de preços das ações negociadas em bolsa estar muito baixo. "Entendo que as empresas estão aproveitando as boas oportunidades. Os ativos ainda estão baratos, mas há a necessidade de crescer seja através de fusões, aquisições ou busca de novos mercados", diz o diretor do **Instituto Assaf** e professor da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras (Fipecafi), Alexandre Assaf.

Veículo: Monitor Mercantil Digital
Data: 08/09/09



OFERTAS PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS REGISTRADAS EM 2009 JÁ SOMAM R\$ 20,529 BILHÕES

Preços das ações justificam tal esforço?

Busca de recursos no mercado ainda não é sinal de que tudo está resolvido na economia

Cada vez mais empresas estão aproveitando o momento do mercado para captar recursos e fazer frente à necessidade de caixa e realização de novos investimentos. A tendência é vista, principalmente no setor de construção civil, responsável pelas maiores altas do mercado acionário.

Segundo o levantamento da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), as ofertas primárias e secundárias registradas em 2009, somam R\$ 20,529 bilhões. Apenas uma foi abertura de capital e foi responsável por quase metade da captação: a VisaNet, que captou R\$ 8,4 bilhões. Caso todas as ofertas sejam realizadas, o número neste ano superará o de 2008, de 14 empresas.

Na CVM estão registradas 11 ofertas, sendo quatro primárias e sete secundárias. Uma das mais aguardadas pelos investidores é a oferta primária do Santander, estimada em US\$ 2,590 bilhões. Também estão na lista as ofertas da Gol e da GVT, que fará uma captação secundária, no valor esperado de R\$ 800 milhões. A Gol realizará uma oferta pública entre R\$ 550 milhões e R\$ 650 milhões com o objetivo de fortalecer seu caixa. Já a Cetip realizará uma oferta primária com valor entre R\$ 3 bilhões e R\$ 4 bilhões.

A última companhia a anunciar a captação é a incorporadora Brookfield (ex-Brascan), que declarou a intenção de realizar uma oferta primária de ações nesta terça-feira. No comunicado, a companhia afirma que a operação deverá ficar entre R\$ 500 milhões e R\$ 700 milhões e será voltada apenas para o mercado interno. De acordo com o documento, a realização e a conclusão da operação, "estão sujeitas a aprovação pelo conselho de administração e às condições dos mercados de capitais nacional e internacional".

Aproveitar o momento

"Entendo que as empresas estão aproveitando as boas oportunidades. Os ativos ainda estão baratos, mas há a necessidade de crescer seja através de fusões, aquisições ou busca de novos mercados", diz o diretor do **Instituto Assaf** e professor da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras (Fipecafi), Alexandre Assaf.

Ele explica que, apesar de as ações estarem a um preço considerado ainda baixo em relação ao passado e muitos alegarem que, se esperassem mais um tempo poderiam conseguir valores melhores, não aproveitar a janela de oportunidade agora pode ser um erro. "Com a tendência de crescimento da economia, a tendência é de que as aquisições fiquem mais caras, quem captar recursos para fazer investimentos agora sai na frente", afirma, ao citar o exemplo do Itaú Unibanco e da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

Ao mesmo tempo, Assaf observa que a busca de recursos no mercado de capitais por parte das empresas ainda não é sinal de que tudo está resolvido na economia. "Muitas empresas que passam por dificuldades estão desfazendo de seus ativos e geram oportunidades para outras", diz. Segundo o especialista, o investidor deve olhar as aplicações nessas empresas como uma oportunidade de longo prazo.

"Os recursos são para investimentos em expansão e aumento da capacidade. A Natura, por exemplo, está em busca de novos mercados", ressalta. Na avaliação de Assaf, esta tendência deve continuar, mas o ritmo das captações vai depender da continuidade do movimento de recuperação da economia brasileira. Assim, a velocidade da continuidade de novas captações é imprevisível.

Estrangeiro

A colocação de ações das companhias tem como alvo principal os investidores estrangeiros. O presidente da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais de São Paulo, (Apimec SP), Reginaldo Alexandre, os investidores estrangeiros deve, novamente, tornarem-se os maiores compradores das ofertas. "No passado, os estrangeiros foram responsáveis pela compra de dois terços das ações colocadas no mercado. Neste momento, o comportamento não será diferente", afirma. No caso da Natura, a compra por parte dos estrangeiros correspondeu a 58,64% da oferta secundária de ações, que somou o total de R\$ 1,505 bilhão.

A busca deste tipo de investidor é por rentabilidade maior, o que leva ao aumento do risco e aplicações em países emergentes. "As oportunidades de investimentos nos países de primeiro mundo estão escassas. Os investidores estão ávidos por alternativas", destaca Alexandre. Além disso, o Brasil tem registrado uma velocidade mais rápida de recuperação, quando comparada aos países desenvolvidos, assim como outras economias emergentes.

Outro movimento apresentado é a busca de investidores institucionais e pessoas físicas pela diversificação, diante da menor rentabilidade apresentada pela renda fixa provocada pela queda da taxa básica de juros (Selic), atualmente em 8,75% ao ano. Quem não quer colocar tudo em ações, devido aos riscos deste tipo de aplicação, tem buscado fundos de investimento que tenham parte da rentabilidade atrelada à renda variável. "Aos poucos, a população brasileira vai quebrando a resistência à renda variável", detalha o presidente da Apimec São Paulo. Toda esta situação gera um campo fértil para as novas colocações.

Ameaças

Mas o novo boom do mercado não é tão perigoso quanto o registrado no passado. Antes os investidores, ávidos por novidades e sem critérios para as compras, adquiriam qualquer papel, a qualquer preço. Muitas empresas, sem tradição de governança e pouco voltadas ao minoritário, acabaram por ingressar no mercado para aproveitarem este movimento. Agora a situação é diferente: "As ofertas registradas ou são de companhias com uma posição consolidada no seu setor, como a VisaNet ou de empresas que pretendem ampliar seu capital para investirem", observa Alexandre.

Na comparação com o boom de ofertas públicas registradas em 2007 e início de 2008, os preços de colocação dos papéis não é tão absurdo. "O padrão de preços está abaixo do que foi registrado nos anos anteriores. Os investidores estão mais seletivos e o perfil das empresas que absorvem hoje é diferente", diz Alexandre. Em 2007, as ofertas públicas somaram R\$ 52,3 bilhões no Brasil.

Estímulos à construção civil e indústria automobilística

A operação da Brookfield ocorre dentro da tendência do setor de construção civil em colocar ações. O segmento é o destaque quando o assunto é a busca pelo mercado nos últimos meses.

O movimento das empresas é marcado pela necessidade de capitalização e a tendência de crescimento do setor, diante dos incentivos do governo através do programa Minha Casa, Minha Vida. "O setor está alavancado demais e, ao mesmo tempo, há o crescimento da indústria de construção", diz o presidente da Apimec- SP, Reginaldo Alexandre.

Crise financeira

Desde a crise financeira, dois setores foram estimulados pelo governo devido à crise financeira internacional: o de construção civil e automobilístico. Isso porque estes dois segmentos estimulam toda uma cadeia produtiva de fornecedores. "No mundo, houve um crescimento vertiginoso do incentivo a estes setores e, no Brasil não foi diferente", explica o diretor do Instituto Assaf e professor da Fipecafi, Alexandre Assaf.

Nova fase

A nova fase foi inaugurada pela MRV, que conseguiu levantar R\$ 722 milhões no mercado de capitais. Na semana passada PDG Realty e Rossi protocolaram pedido de registro de oferta de ações na Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid).

A oferta da PDG é estimada entre R\$ 750 milhões e R\$ 800 milhões e a da Rossi deve ficar entre R\$ 500 milhões e R\$ 600 milhões. A Gafisa chegou a fazer um pedido para uma oferta, mas desistiu da operação. No entanto, os analistas da Merrill Lynch acreditam que a companhia deverá vir a mercado.

A Multiplan, uma das maiores empresas do setor de shoppings centers do país, fez pedido para oferta primária de cerca de R\$ 650 milhões em ações ordinárias, ao final de agosto. No segmento de shoppings centers, a oferta da Multiplan é a segunda do ano após a BR Malls e seus acionistas captarem R\$ 836 milhões em ofertas primária e secundária encerradas no início de julho.

Ana Borges



**Digital Assessoria
Comunicação Integrada**